

Fernando Pessoa

## **FAUSTO: O casamento**

[FAUSTO]:

O casamento  
A separação (...) em si  
Nada valem. Perante o pensamento  
São fórmulas vazias. Mas o homem,  
Na sua vida humana e colectiva,  
Não vive em metafísica. O real  
Puerilidade tem, contradições  
Necessárias a ele. O pensamento  
Não, a lei da vida. Tu não vês  
Que o mais real que há, base de tudo,  
O movimento, uma contradição  
Suprema é e [...]. Tu não leste  
De que formas de elixir (...)  
O próprio ser, a própria vida são  
Qual fórmulas perante o pensamento?  
Pertence aos ignorantes e aos doidos  
Desfazer convenções...

[ANTÓNIO?]

Sim, mas os génios?

FAUSTO:

Esses, porque são doidos. Ignorando  
As leves e ligeiras convenções  
Que excessos do útil e do usual  
As fórmulas são às necessidades  
Da vida do homem. Só a decadência  
Generaliza e se despreza.

Mas eu, se frio estou e confrangido  
Até ao seio d'alma, não perdi  
O sentimento de dever perante

Os homens pr'a que busque vãos e inúteis  
Impossíveis progressos, semi-doido  
Semi-inconsciente da loucura.  
E o raciocínio em mim não dorme nunca  
E esse obriga-me a desdenhar as fracas,  
Vazias teorias que pretendem  
Por sentimentos a verdade obter  
E por razões vãs de sentimento nada.  
Nojo, sim tudo, filho! nojo, nojo!  
O homem vive em inconsciência, nasce  
E vive e morre inconscientemente  
Sem sequer do mistério aperceber-se,  
Mais perto que palavras, do que o cerca.  
Pensar, sentir, amar — ah, se tu visses  
Como eu o fundo da inconsciência vã  
Em que tudo se move. Se pudesses  
Compreender...

Bem sei, António,  
Mal transpuseste o limiar da porta  
Já meus (...) argumentos desdenhaste.  
Ou por doido me tens, ou por muito  
Escravo do passado. Eu! Mas assim é:  
Consciente só... (ia a dizer eu) sim,  
Conscientes poucos.

Havendo isto, há a vida; não a havendo  
Mais vida já não há. E assim de todas  
As vidas existimos — da do mundo  
À da sociedade humana, António.

Impulsos jovens  
Que roubam a capa ao pensamento  
E parecem ao longe raciocínios,  
Mas a quem o pensamento não conhece.  
Eu que levei a vida a conhecê-lo  
Em tão débeis palavras não me engano.  
É [...] a ilustração,  
António, mas é certa. A humanidade

E as suas mágoas, dores está acima  
De nossa frágil preocupação  
De novidade e (...) progresso.  
Eu amo a humanidade — antes amei-a  
(Que eu já não amo nada) se inda sinto  
Como que amor por ela é por lembrança  
Ou instinto daquilo que senti.

s. d.

Fausto — Tragédia Subjectiva. Fernando Pessoa. (Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha. Prefácio de Eduardo Lourenço.) Lisboa: Presença, 1988: 57.